

## **O Estado de S. Paulo**

**24/1/1985**

### **Empresário aponta risco na ação da Igreja e PT**

BRASÍLIA

AGÊNCIA ESTADO

Insuflado pela Igreja e pelo Partido dos Trabalhadores, o movimento de ação violenta dos bóias-frias de várias regiões do Estado de São Paulo lá teria fugido ao controle até dos elementos nele infiltrados, provocando graves preocupações aos empresários rurais. Essa preocupação foi demonstrada ontem, em Brasília, pelo presidente da Federação da Agricultura do Estado de São Paulo, Fábio Meirelles, que, durante o almoço, entregou ao ministro do Trabalho, Murillo Macedo, um documento sobre a situação em toda a região de Ribeirão Preto.

Fábio Meirelles negou-se a fornecer, aos jornalistas, maiores informações sobre o documento, alegando que a decisão de divulgá-las ficará por conta de Murillo Macedo, no caso de julgar conveniente. Entretanto, fontes do Ministério do Trabalho que tiveram conhecimento dos termos utilizados pelo empresário paulista admitiram que Meirelles identifica a insuflação dos movimentos de reação violenta dos bóias-frias por parte de elementos da Igreja e do PT, conforme O Estado demonstrou na edição de 15 de janeiro em reportagem sob o título "A ação política comanda os protestos".

Meirelles teria comentado que os movimentos de Guariba, Sertãozinho, Barrinha e outros municípios da região de Ribeirão Preto ainda não terminaram e poderão chegar a uma situação mais grave nos próximos meses, pois os elementos infiltrados do PT e da Igreja também perderam o controle da situação. O governo do Estado participa das negociações, sem porém conseguir uma verdadeira pacificação entre os bóias-frias.

Após os incidentes do começo do mês, em que os bóias-frias, em greve, entraram em choque com a Polícia Militar, ficou evidente a infiltração política na greve que durou dez dias, envolvendo uma disputa ideológica na área rural mais importante do País. Segundo observadores, trata-se de uma disputa com a participação do Partido dos trabalhadores, que quer ampliar sua atuação — até agora restrita aos centros industriais (especialmente o ABC) — conquistando posições no campo, havendo também grupos antagônicos, que desejam o comando de todo o movimento sindical brasileiro. Nessa disputa, de um lado está a CUT (Central Única dos Trabalhadores), liderada pelo PT e pela Igreja progressista, e de outro o Conclat (Congresso Nacional da Classe Trabalhadora), liderado pelos metalúrgicos de São Paulo e composto por membros do PMDB e de partidos de esquerda não oficiais. Já foi feito um alerta ao governador Franco Montoro, mas os empresários continuam preocupados, daí a entrega do documento ao ministro do Trabalho, Murillo Macedo.

**(Página 13)**